

Caminhos que se bifurcam na implementação de uma Farmácia Viva em Promissão/SP: Uma entrevista com a farmacêutica Andresa Baja

Interview: Uncrossing paths in a Living Pharmacy implementation at Promissão/SP: Andresa Baja

Luiza Paiva De Angelis¹ , Pedro Crepaldi Carlessi² 

RESUMO

Nesta entrevista, Andresa Baja apresenta o caminho percorrido pela cidade de Promissão/SP na implementação do programa farmácia viva.

Palavras-chave: Fitoterapia, Plantas medicinais, Sistema Único de Saúde.

ABSTRACT

In this interview, Andresa Baja presents the path taken by the city of Promissão/SP in the implementation of the Live Pharmacy program.

Keywords: Herbal medicine, Medicinal plants, Health System.

1. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara, (SP), Brasil.
2. Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, São Paulo, (SP), Brasil.



INTRODUÇÃO

Promissão é um pequeno município do interior paulista. Localizado ao noroeste do estado, próximo à foz do rio Dourados, seu território abriga o maior assentamento rural do Estado de São Paulo, segundo maior do Brasil.

A área ocupada é de aproximadamente 25.000 hectares, um terço do município. Nela, mais de 800 famílias atuam em cooperativas agroindustriais e na produção de alimentos *in natura* fornecidos a cidades como Araçatuba, Diadema, Mauá, Rio Preto, Santo André, São Bernardo e São Carlos através dos programas PAA e PNAE (Programa de Aquisição de Alimentos e Programa Nacional de Alimentação Escolar, respectivamente).

Promissão remonta os caminhos que se encontram e se bifurcam na constituição do próprio Brasil: sua ocupação é fruto do confronto entre populações tupi, posseiros e bandeirantes, e se tornou estratégica na expansão da agricultura paulista a partir da revolução constitucionalista de 1932. Sua reforma agrária parcial ocorreu ao fim da ditadura militar. Dos três assentamentos que atualmente ocupam a região – Reunidas, Promissãozinha e Dandara – o primeiro deles partiu da desapropriação da “Fazenda Reunidas” por parte do Governo Federal, em 1986, e da emissão de posse pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o INCRA, em 1987.

Saindo de um contexto de luta social por muito tempo considerado marginal, com a redemocratização e reforma sanitária a presença e participação de assentados rurais passou a figurar na cidade como parte do imaginário do Estado nacional. Em Promissão, assim como acontece em muitos outros territórios brasileiros, a partir de 2006, com a publicação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, a agricultura familiar passou a ser pensada como parte constitutiva da oferta pública de fitoterápicos. E essa, por sua vez, etapa fundamental para a reconstrução dos cuidados no SUS, fazendo do serviço público de saúde algo menos distante da vida, dos sujeitos e dos territórios que faz parte.

Entre os caminhos que levam o município à autonomia na produção de fitoterápicos se encontram três veredas abertas e inconclusas da história nacional: uma que vai do campesinato cultural à participação de agricultores no mercado institucional, outra que indica a valorização, mas

para na valoração da saúde pública e, por fim, uma outra, em que as práticas políticas se encontram com as científicas.

Como indica a farmacêutica Andresa Carla de Farias Barros Baja nesta entrevista: “Estamos plantando. Um dia a gente espera colher”.

ENTREVISTA

Luiza Paiva De Angelis (L.P.A.): Bom dia, Andresa! Nessa primeira parte da entrevista vamos conhecer um pouco sobre o seu trabalho. Você falou que trabalha na prefeitura de Promissão. Qual cargo você ocupa, e qual que é a sua relação com Fitoterapia no seu trabalho?

Andresa Carla de Farias Barros Baja (A.C.F.B.B.): Atualmente eu trabalho com a manipulação e dispensação de medicamentos na farmácia municipal de Promissão. Manipulamos pela manhã e fazemos as entregas à noite. Ainda não trabalhamos diretamente com fitoterapia. Nós temos um projeto para implementar uma farmácia viva no município. Queríamos ter concorrido ao edital do Ministério da Saúde [edital promovido pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos através do Departamento de Assistência Farmacêutica do Ministério da Saúde]. Só que, infelizmente, não sabíamos que era necessário ter uma horta medicinal já pronta para concorrer ao edital. Nosso laboratório de manipulação já funciona. Mas para o cultivo de plantas medicinais nós temos somente o terreno. Então, para esse ano [2022] não vai ser possível concorrer ao edital. Não fizemos análises do solo e das plantas. Esse ano vamos trabalhar nisso e com a população que já faz uso de plantas medicinais. No ano que vem poderemos pleitear o edital. Temos muito interesse. No município temos um grupo de trabalho. Além de mim, farmacêutica, temos um fonoaudiólogo, que esteve na Espanha e trabalhou com plantas medicinais, e uma enfermeira que também tem cursos de aprimoramento em plantas medicinais. Inicialmente seríamos nós, mas estamos contatando a Secretaria de Agricultura para propor parceria com um engenheiro agrônomo e desenvolver a horta.

L.P.A.: Como é a farmácia de manipulação municipal?

Na nossa farmácia de manipulação temos uma balança semi-analítica, todas as vidrarias e equipamentos usados na manipulação de medicamentos. O restante necessário para farmácia viva iríamos comprar com apoio do edital. O Secretário da Saúde já mostrou sensibilidade a esse tema, e temos o terreno para ampliar a farmácia em um prédio maior. Vamos tentar trabalhar em cima disso, para ano que vem conseguir êxito. Já estávamos prontos para entregar o projeto, não sabíamos dessa questão da horta. Nós achávamos que depois que fizessemos o projeto poderíamos fazer a horta, mas infelizmente não é assim.

L.P.A.: E quais foram as motivações que te levaram a trabalhar com plantas medicinais e fitoterápicos?

A.C.F.B.B.: Desde a minha época de faculdade, eu sempre gostei de farmacognosia. Particpei de alguns ensaios quando trabalhei com cromatografia. Então eu sempre tive esse interesse. Mas me formei e fui trabalhar em outras áreas, só agora esse desejo renasceu. Na rede municipal eu encontrei esses colegas ligados ao tema, e também teve a vontade da prefeitura de trabalhar com isso.

L.P.A.: Agora falando um pouquinho sobre o município e as redes de atenção à saúde em Promissão. Você sabe me dizer qual que é a história do uso de plantas medicinais e fitoterápicos na cidade?

A.C.F.B.B.: Há cinco anos atrás foi feita uma horta de plantas medicinais em um dos assentamentos rurais da cidade. Os próprios assentados se organizaram e fizeram essa horta. Foram feitas algumas palestras, mas infelizmente mudou a administração e essa ideia acabou morrendo. Foi mais recentemente que a ideia voltou. Nesse assentamento eles trabalhavam com o cultivo próprio, sem as análises [exigidas às farmácias vivas]. Fazem o cultivo e a distribuição das plantas que eles usavam pela própria população.

L.P.A.: E a Farmácia Viva seria nesse assentamento?

A.C.F.B.B.: Sim. Na época que começamos a conversar sobre o tema o pessoal do assentamento

tinha esse interesse. Recentemente eu conversei com a pessoa que era líder de lá, e ela me disse que atualmente não há mais esse interesse [diferente de programas como o PAA e PNAE, focados na produção agrícola alimentar, até o momento não há modos de compra direta para que as farmácias vivas adquiram a produção agrícola medicinal vinda dos assentamentos rurais]. Então vamos montar a horta nesse terreno que eu te falei, que é da prefeitura. O município vai fornecer os funcionários, e aí vamos começar todo aquele trabalho de fazer a análise do solo, depois das plantas. Se o terreno não for apropriado, vamos pedir um outro espaço para o prefeito.

L.P.A.: Sobre Promissão, como é a geografia, o clima, e o perfil social do município?

A.C.F.B.B.: O perfil social é médio. O Sistema de Saúde funciona. Temos um Secretário de Saúde bem dinâmico e a saúde é bem-organizada. A gente tem uma atenção básica com bastante itens e medicamentos. Falta essa questão dos fitoterápicos. Temos uma Farmácia Central, almoxarifado bem atuante, três farmácias satélites em que são feitas as dispensações. Uma delas, inclusive, fica nesse assentamento em que eles realizavam o trabalho com plantas medicinais. Também temos o projeto de PICS [Práticas Integrativas e Complementares em Saúde], que conta com colegas que atuam com palestras e atendimentos de enfermagem. Aqui já temos o atendimento clínico das enfermeiras. Então a enfermagem, que está inserida no projeto da Farmácia Viva, trabalharia também com fitoterápicos. Iniciaremos com a compra de alguns fitoterápicos e depois estenderíamos para a manipulação. Estamos montando o projeto das PICS e a partir delas é que vamos chegar à fitoterapia.

L.P.A.: Então a fitoterapia começaria pelas PICS?

A.C.F.B.B.: Eu acredito que vamos começar com as palestras sobre as PICS, e a fitoterapia entraria dentro desse contexto. Uma vez feito isso, faríamos o projeto no final no ano que vem, pedindo a inserção da Farmácia Viva. Em Araraquara vocês trabalham também na manipulação ou é só o cultivo e distribuição para a população?

L.P.A.: A farmácia viva de Araraquara está no começo, em fase de implementação. Está sendo construído o espaço físico ainda. Eu faço estágio lá, estamos escrevendo o Memento Fitoterápico. Então está bem no comecinho.

A.C.F.B.B.: Ah, entendi! Eu conheço a professora Raquel Moreira [responsável pela Farmácia Viva de Araraquara a partir da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP, campus Araraquara]. Eu fiz pós-graduação em São Carlos, fui orientada da professora Cristina, que é amiga pessoal da professora Raquel, e me passou o contato dela, pedindo que eu entrasse em contato porque lá em São Carlos eles ainda estão bem no começo. Foi aí que eu entrei no grupo e conheci o Pedro e o pessoal de lá. Está sendo legal! Com o pessoal estou aprendendo bastante em relação às políticas e às plantas medicinais. Está sendo muito bom!

L.P.A.: O pessoal de Jurucê você já conheceu? Você já chegou a ir lá visitar a Farmácia Viva de Jardinópolis?

A.C.F.B.B.: Jurucê? Onde fica?

L.P.A.: Jurucê é distrito do município de Jardinópolis, que fica perto de Ribeirão Preto.

A.C.F.B.B.: Ah sim! Com essa Farmácia Viva eu até já conversei. Falei com o coordenador, para marcar um horário para ir até lá. Eles têm o projeto do cultivo até a manipulação, e fazem a doação de mudas. Falta combinar um horário para visitá-los. Parece que lá e Foz do Iguaçu, no Paraná, estão trabalhando certinho.

L.P.A.: Como é esse serviço de fitoterapia em Foz do Iguaçu?

A.C.F.B.B.: Esse colega fonoaudiólogo aqui do município conhece o projeto de Foz do Iguaçu que trabalha com cannabis. Mas cannabis é muito difícil. Tem aquela questão da Polícia Federal. Então a nossa intenção é trabalhar mesmo com as plantas mais simples, fazer uma manipulação, uma pomadinha... Alguma coisa nesse sentido. Trabalhar com coisas complicadas já fica muito mais difícil, e deve ter todo um protocolo, que eu desconheço. Mas tenho vontade de conhecer [o serviço de Foz do Iguaçu].

Então preciso marcar um dia para ir até lá e depois pedir para o nosso secretário de saúde para ver se ele libera nossos colegas que também querem ir. Iríamos nós três, ou todo o grupo. Nós somos cinco farmacêuticas, mas iriam outros colegas com a gente, para poder ter uma ideia e entender como que é o projeto. Pelo vídeo eu achei que é muito legal. Conseguem fazer um trabalho bonito. Bons resultados! O pessoal da USP Ribeirão Preto também está trabalhando com eles, é um pessoal muito engajado. Tem muito conhecimento.

L.P.A.: Sobre a farmácia municipal, você falou que trabalha com manipulação também, né? Não tem nenhum fitoterápico que seja manipulado?

A.C.F.B.B.: Nesse momento não. Ainda não temos controle de qualidade necessário. Para o trabalho com fitoterápicos seria necessário ter um cromatograma ou uma parceria para fazer o controle de qualidade. É esse o problema. Nós fizemos alguns ensaios empíricos com a cúrcuma [*Curcuma longa*], mas nada protocolado. Então não dá para mensurar quanto do princípio ativo está presente no pó de cúrcuma que produzimos.

L.P.A.: E por parte da população, vocês sentem que a população pede isso de alguma forma?

A.C.F.B.B.: Por ser uma cidade do interior, a população é bem ligada à agricultura. Gostam muito e usam vários chás. A população é bem receptiva em relação a isso. É um uso familiar, aquela transmissão de conhecimento mais familiar, sabe. Para a fitoterapia precisamos de adesão médica. Os médicos ainda não estão acreditando na ideia. Infelizmente. Há muito estigma em relação às plantas medicinais. Tem muito profissional que não acredita, não entende o controle de qualidade. Esse é um outro problema que enfrentamos, a adesão dos médicos para fazer as prescrições. Mas eu acredito que a partir do momento em que avançarmos as coisas vão acontecendo. Se a gente conseguir organizar as PICS, depois organizamos a horta. A partir do momento que eles verem que o projeto está rodando, e se o secretário de saúde apoiar a ideia, aí as coisas acontecem. Só a gente falar não basta. Às vezes os colegas não acreditam, acham que é uma coisa que não tem nada a ver, acham que vai ser uma coisa jogada, que vai pegar

qualquer planta e vai por dentro da cápsula. Sei lá o que eles pensam! Talvez seja isso, não ter ideia de como são feitas as coisas. Em relação ao custo para a compra e dispensação de fitoterápicos, o custo é alto. Isso dificulta a disponibilidade, não adianta nada passar no médico e não ter o remédio. Aqui no município temos um bom atendimento, são 600 pessoas só aqui na farmácia central. Mais 50 atendimentos diários nas farmácias satélites. O sistema informatizado tem atendimentos agendados e especialidades. À noite, temos plantão. Acho muito legal.

L.P.A.: Pensando no futuro, qual seria o seu sonho para a fitoterapia na cidade?

A.C.F.B.B.: Meu sonho é que o sistema rode direitinho. Que a gente consiga a manipulação, a adesão dos colegas, a adesão da população... Mas sei lá se eu ainda vou conseguir. Dizem que a nossa profissão é do futuro...Quem sabe. Estamos plantando...um dia a gente espera colher.

L.P.A.: Você é de Promissão mesmo?

A.C.F.B.B.: Sou de Promissão, mas estudei fora da cidade. Eu fiz pós-graduação com o Prof. Gerson, em São Carlos. Também fiz uma pós-graduação de manipulação na Racine. Foi legal também. Agora estou fazendo uma outra. Vamos trabalhando. O que aparece a gente faz e vamos caminhando, né? Caminhando para ver o que acontece.

L.P.A.: E qual você acredita ser o futuro da fitoterapia no SUS?

A.C.F.B.B.: Eu acredito que tenha futuro. A partir do momento em que a gente conseguir esse incentivo do governo [se refere aos editais SCTIE/DAF/MS], a partir do momento que a gente conseguir manipular os produtos, aí vai começar a rodar! A

gente vai começar a distribuir para os pacientes, os pacientes vão gostar.

Por exemplo, temos a amoreira [*Morus nigra*], que é usada para o climatério. Os médicos daqui já prescrevem, seria uma boa. E tantas outras né? A passiflora, a pomada de arnica... Você vê que o pessoal usa muito os extratos de arnica, aquele feito empiricamente, macerado no álcool, depois põe na gaze para o machucado. Então eu acho que tem futuro sim. Se a gente conseguir uma oportunidade, acho que as coisas rodam. O duro é que, na Prefeitura, uma das coisas difíceis é a administração. A nossa administração atual concorda com a fitoterapia. Se continuar essa mesma administração, a ideia vai adiante. Agora, se mudar, não saberemos se teremos apoio ou não. Prefeitura é complicado... Prefeitura é difícil.

L.P.A.: Eu imagino...

A.C.F.B.B.: Se tiver o projeto [de implementação de uma farmácia viva] aprovado, acredito que a próxima administração, sendo a atual ou não, deva dar andamento, porque tem as verbas. Agora, se ainda não tivermos nada, vamos continuar trabalhando através das palestras, mas sem a manipulação. Com a horta dá para fazer a distribuição também das plantas medicinais, para fazer chás. Mas na questão de manipulação, não vamos conseguir sem apoio do Ministério da Saúde ao projeto. Aí vai precisar de equipamentos, de coisas que nós não temos.

L.P.A.: Tem mais alguma coisa, Andresa, que você gostaria de compartilhar?

A.C.F.B.B.: Não, não, é isso mesmo. Eu agradeço a sua disponibilidade e vamos lá, vamos trabalhando né? Trabalhando e vendo as coisas avançarem!

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradecimentos

Nenhum a declarar.

Autor Correspondente:

Luiza Paiva De Angelis

luiza.paiva@unesp.br

Editor:

Dr. Paulo Henrique Manso

Recebido: 06/06/2023

Aprovado: 06/06/2023
